

*Índios, não.
Indígenas, talvez.
Povos originários, sim!*



Nankupé Tupinambá Fulkaxó

*Índios, não.
Indígenas, talvez.
Povos originários,
sim!*

Frôntis  Editorial
São Paulo /SP
2023

Copyright© 2022 Nankupé Tupinambá Fulkaxó

Todos direitos reservados. Proibida a tradução, versão ou reprodução, mesmo que parcial, por quaisquer processos mecânicos, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização por escrito do autor.

1ª edição - julho de 2023

Capa e Produção Editorial: Ricardo Sterchele

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fulkaxó, Nankupé Tupinambá
Índios, não : indígenas, talvez : povos
originários, sim / Nankupé Tupinambá Fulkaxó. --
1. ed. -- São Paulo : Frôntis Editorial, 2023.

ISBN 978-65-87013-30-5

1. Cultura indígena 2. Ensaios brasileiros
3. Povos indígenas I. Título.

23-165863

CDD-B869.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensaios : Literatura brasileira B869.4

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Frôntis Editorial
www.frontis.com.br

Sumário

Índio?	7
Introdução	9
A história	14
Como tudo começou?	21
O genocídio	34
A origem do nome América	39
O verdadeiro nome	42
Quem é índio?	53
Índio, não	62
Indígena, talvez	74
Nós, os povos originários	80
Um legado de lutas e resistência	96
Alguns de nós	103
O que você precisa saber, fazer e deixar de falar ou fazer? . . .	167
É guerra, sempre foi guerra, é genocídio	201
Povos originário, sim – presente	221
Pelo que lutamos? Por que lutamos? O que queremos?	229
Referências	243

Índio?

Não!

Eu NÃO sou índio

Não nasci na Índia

Não sou índio nem indiano

Não sou seguidor do hinduísmo e assim também hindu não sou

Não falo hindi nem seus dialetos

Não posso ser nominado pelo seu equívoco, pela sua ignorância ou muito menos, pelos seus erros, pelo seu poder de colonizar, pela sua crueldade de colonizador, insistindo em me reduzir, me apagar, me extinguir.

SOU TUPINAMBÁ!

Sou guerreiro, como gente, pinto meu corpo, carrego meus adereços, eles são sagrados, meus encantados me guiam, a mata é minha morada, lá estão meus ancestrais, meu Deus é Tupã, o Grande Espírito me protege.

Sou natureza, sou beleza, sou força e sou paixão.

SOU TUPINAMBÁ!

Eu NÃO sou índio

*A Índia é do lado de lá
Eu sou do lado de cá.*

SOU FULKAXÓ!

*Sou guerreiro, lutador, filho do Warakdzã
Meu rezo é sagrado, no tabaco ele se faz
Meu caminhar é o Toré
Sou alegria!
Sou cantoria!
Sou Alma!
Sou gente!
Sou dança e sou paixão*

SOU FULKAXÓ!

EU NÃO SOU ÍNDIO

SOU TUPINAMBÁ E SOU FULKAXÓ

Sou Nankupé!

Nankupé Tupinambá Fulkaxó

Introdução

As estimativas que se referem a população dos povos originários no continente, hoje chamado de América, quando o navegador genovês Cristóvão Colombo aportou nas Antilhas (hoje San Salvador, América Central), são controversas e variam muito entre os historiadores e pesquisadores do tema. Estimam entre 10 milhões e 120 milhões de pessoas, números que deixam muitas lacunas. Os dados são fragmentados e os estudos de forma geral imprecisos e inconclusivos, dessa forma nos levando a impossibilidade de definir com a mínima precisão qual era a população do continente invadido pelos europeus no século XV.

Alguns historiadores argumentam que muitos pesquisadores aplicam fórmulas arbitrárias, inconsistentes e não confiáveis, de acordo com influências e tendências políticas, com interesse de minimizar os danos causados a essa população, selecionando fontes não confiáveis.

Fato é que não existem provas robustas que permitam a produção de números confiáveis, ficando assim os números sempre de forma conjecturada.

Esse é um tema que propicia debates acadêmicos e científicos desde muito, os debates trazem consigo na maioria das vezes ideologias dentro de pontos de vista altamente eurocêntricos, produzindo estimativas que favorecem o Invasor/Colonizador.

O historiador e pesquisador Francis Jennings, apresenta como argumento, que muitas estimativas refletem noções europeias e da sua suposta superioridade cultural e racial:

“A sabedoria acadêmica considerou durante muito tempo que os índios eram tão inferiores em obras e capacidade mental que não poderiam ter criado e mantido grandes populações”¹.

Ainda que não tenhamos clareza, muito menos confiabilidade nas estimativas existentes, podemos verificar que existem relatos do próprio invasor espanhol, que o império Asteca destruído por ele, contava com cerca de 25 milhões de indivíduos e que o império Inca, igualmente aniquilado contava com 12 milhões de pessoas, sem contar aí o império Maia, com outros tantos milhões e uma infinidade de povos em diversos outros pontos do continente.

Podemos na pior das hipóteses afirmar que éramos muitos, muitos milhões de pessoas classificados na singularidade da palavra “Índio”.

Se não temos dados confiáveis do passado, o presente nos apresenta tecnologias auditáveis, pelas quais podemos, com segurança, afirmar que a população originária que foi quase dizimada, vem se restabelecendo, ainda que os processos genocidas permaneçam em curso, hoje as estimativas apontam para um número próximo a um bilhão de habitantes, segundo a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) em levantamento realizado em 2014. Infelizmente de 2014 para os dias atuais, os ataques, invasões e o genocídio têm avançado e muitos de nós têm sucumbido.

1- https://pt.wikipedia.org/wiki/História_demográfica_dos_povos_ind%C3%ADgenas_das_Américas#cite_note-3

O Brasil, onde historicamente o colonizador foi bastante eficiente em seu intento assassino e exterminador, reduzindo a nossa população a míseros números, continua infelizmente fazendo parte das piores estatísticas de violência na atualidade, dentro da continuidade do processo genocida instalado desde a chegada dos portugueses, sustentado pela coroa portuguesa no período colonial e hoje apoiado pelo Estado, que principalmente nos últimos quatro anos (2019 á 2022) com um governante que implantou uma política “anti-indigenista”, conforme pode-se perceber através das notícias e denúncias, quanto ao aumento do desmatamento da Floresta Amazônica, da Mata Atlântica, da destruição dos manguezais, do cerrado e de praticamente todos os biomas, somados ao avanço dos madeireiros, garimpeiros ilegais, grileiros, especuladores imobiliários, fazendeiros e outros sobre os territórios indígenas, aumentando exponencialmente a violência contra os povos originários, além de levar doenças, fome e miséria para os territórios indígenas. O relatório da mesma entidade (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal)) de 2019 aponta para um contingente considerável de povos originários vivendo abaixo da linha da pobreza, estando entre os mais pobres do continente.

Ainda segundo a Cepal, através dos estudos baseados em dados censitários dos países que compõem o continente americano, na atualidade, está no México a maior população de povos originários de todas as Américas, contando com aproximadamente 17 milhões de indivíduos, no Peru está o segundo maior contingente com 7 milhões de indivíduos, na Bolívia o número é de 6,2 milhões e na Guatemala 5,9 milhões. Se relativizarmos esses números veremos que na Bolívia a população de povos originários é de 62,2% do total dos habitantes, enquanto nos demais países esses números sejam menores, mas ainda assim bastante significativos como podemos constatar, na Guatemala 41%, no Peru 24% e no México 15%.

O Brasil infelizmente faz parte da triste realidade quanto a esses números, ocupando o lugar de segundo país das Américas com o menor percentual de povos originários na composição de sua população. Segundo o senso realizado em 2010, nós representamos apenas 0,5% da população total do país, o que corresponde a aproximadamente 900 mil pessoas em números absolutos, ainda que o novo senso (em andamento nesse momento), traga números maiores, as previsões é que devemos ser cerca de 1,5 milhões, assim sendo, somente El Salvador com 0,2 % de população nativa estaria abaixo do Brasil.

Sangue

*Das tuas mãos escorre o meu sangue, o sangue do meu povo,
o sangue de cada povo, o sangue de cada nação indígena.*

*No meu peito a dor dilacerante guarda a memória da tua
injustiça, essa que se perpetua por séculos, mas que não
se eternizará porque resistimos, porque somos resistência,
porque a nossa existência é sagrada, é guardada pelos
nossos ancestrais, é protegida por nossos encantados e
guardiões, somos vivos, somos natureza...*

Sabe aquela mulher?

Aquela que você chama de vó, ou de bisa?

*Aquela que você na busca de pertencer, conta a história que
foi “pega a laço”, que você conta que foi “pega a dente de
cachorro”?*

Pois é!

*Muitos se referem a ela para exaltar a sua descendência de
ter tido uma avó ou uma bisavó indígena.*

*Saiba que sua bisa ou sua vó foi mais uma mulher indígena
subjugada, submetida a torpe e cruel política nefasta,
forjada a ferro e fogo pelo colonizador, mas, saiba também*

*que o seu bisavô ou avô foi um estuprador, torpe e cruel, um
assassino, um aproveitador.*

*Essas mulheres que sua bisavó ou avó representa, são as
guerreiras do meu povo, são as guerreiras, heroínas de
tantos povos, que foram arrancadas do seu espaço/tempo
por aqueles que você exalta pelo patrimônio herdado. Na
verdade, um estuprador, covarde e sanguinário, que dela se
aproveitou para obter vantagens ou simplesmente por um
pedaço de terra. Um pedaço de terra sagrada que se tornou
amaldiçoada pela dor, sofrimento e crueldade dos que desde
que aqui chegaram usurparam, vilipendiaram, roubaram,
subjugaram, escravizaram e assassinaram.*

Livre-se desse estigma.

Limpe-se.

Corrija essa trajetória.

Reescreva essa história.

Apoiem os povos originários!

Apoiem os verdadeiros habitantes de Pindorama!

Apoiem a luta indígena!

(Texto extraído do livro - ENTRE TEXTOS,
CONTOS, CANTOS, POESIAS & POEMA
-“VAMOS PRA VIDA” – Vol. 3 - Nankupé
Tupinambá Fulkaxó)

A história

A história dos povos originários é uma história de enganos, confusões, imprecisões e incompreensões, escrita pelo colonizador dentro de um projeto genocida, envolvendo ferramentas cruéis como a negação, o apagamento, a assimilação, a anexação, a integração e o extermínio, partindo já do vocabulário construído pelo colonizador europeu que classificou o povo originário como “índios”, tendo como a explicação mais aceita para essa denominação, a chegada a América que aconteceu em 1492, quando o navegador genovês Cristóvão Colombo, financiado pela monarquia espanhola, chegou à Ilha de Guanahani, nas Antilhas (hoje San Salvador). Colombo acreditava que havia chegado às Índias.

Esse engano de Cristóvão Colombo deu início a denominação “Índio”, passando assim essa palavra a ser utilizada para designar uma infinidade de povos nativos originários, sem distingui-los, e dessa forma nos levando a singularidade. As classificações e denominações dadas aos povos originários no mundo todo e aqui no Brasil são muitas, vão de Gentios como era utilizado pelos padres jesuítas, que assim se referiam e discriminavam o nosso povo como pagãos ou o oposto dos cristãos, ou ainda aqueles que eram “governados pelo demônio”, também fomos classificados como negros da terra ou negros brasis, negros da terra pelos colonizadores escravocratas que usavam esse termo para nos diferenciar dos negros da Guiné, de Angola, do Benin ou de outros povos africanos. Inimigos ou contrários eram as ex-

Índios, não. Indígenas, talvez. Povos originários, sim!

pressões usadas para diferenciar os grupos considerados rebeldes dos grupos por eles consideravam como aliados, ainda usando os termos de “índios mansos” e “índios bravos” que diferenciavam aqueles que a eles se submetiam, dos que ofereciam resistência e eram considerados hostis ou bárbaros.

As teorias que determinam as nossas origens se referem a migrações de antigos povos de outros continentes como a Ásia, Europa Oriental e a África. Os estudos e pesquisas apontam diversas contradições e abrem diversas portas descortinando possibilidades múltiplas, inclusive a teoria que diversos grupos migratórios chegaram em levas de continentes diferentes e até em tempos diferentes.

Obviamente a ciência se mistura aos mitos, crenças são criadas e falácias se estabelecem como verdades, influenciadas pelo etnocentrismo europeu (eurocentrismo), dando origem a formação de imaginários não apenas pelo que é pesquisado, mas também e principalmente pelo que é escrito, falado e reproduzido em imagens, convergindo assim para a criação de estereótipos consagrando uma imagem totalmente eurocêntrica e falsa do nosso povo.

Uma das teorias mais divulgadas, apresenta que grupos de humanos vieram da Ásia, passando pelo Estreito de Bering há cerca de 15 mil anos, sendo esses os primeiros habitantes do continente hoje denominado de América. Esses grupos vieram em duas ou três ondas migratórias em tempos diferentes. Essa teoria passou a ser muito questionada após a descoberta do fóssil do crânio da jovem paleoamericana descoberto na década de 1970, batizado como Luzia. O estudo do DNA fóssil reunindo amostras dos esqueletos mais antigos encontrados no continente americano, confirmam a existência de apenas um grupo populacional como ancestral de todos os povos da América.